



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O RECONHECIMENTO DA PRESENÇA ÁRABE NO BRASIL NA BUSCA DE UMA IDENTIDADE NACIONAL

Patrícia Dario El-moor

Aluna regular do doutorado do Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da Universidade de Brasília

patricia.dario@uol.com.br

1. Introdução

Foi em 1978 quando o intelectual palestino Edward Said publicou aquela que se tornaria a sua mais importante obra, *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente* - um livro que ofereceu uma respeitável análise da visão ocidental acerca do mundo *oriental*, mais concretamente do mundo árabe. Naquela ocasião, Said chamava atenção para o fato de que na América do Norte, cada vez mais o árabe aparecia por toda a parte como algo ameaçador (SAID, 1996, p. 290).

No entanto, no Brasil, diferentemente do que vem ocorrendo no continente norte-americano, e também na Europa, acredita-se que o pessimismo de Said quanto à conotação negativa dada aos árabes, ainda não seja de toda realidade. Muito embora sírios e libaneses (e, posteriormente, imigrantes de outros países) tenham encontrado e encontrem ainda hoje, dificuldades e obstáculos durante seu processo de adaptação ao país, a sua imagem, ainda que estereotipada, não parece ter adquirido aqui um sentido tão ameaçador como em outros países (por exemplo, Estados Unidos da América, França e Espanha).

Ao contrário, mesmo reconhecendo que tais imigrantes tenham sido vítimas de preconceitos e choques culturais, de modo geral, tanto estudiosos sobre o assunto quanto o senso comum tendem a admitir que o árabe se tornou parte da sociedade brasileira. O historiador Oswaldo Truzzi (1997), um dos estudiosos sobre o tema que se ocupou em apresentar uma possível explicação para esse aparentemente bem sucedido processo de fixação no país, sugere que, possivelmente, as diferenças relacionadas às percepções da sociedade e a construção de uma imagem acerca dos árabes podem estar relacionadas ao momento de entrada de tais imigrantes nas regiões receptoras. Para ele, ao chegarem ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Brasil a partir da última década do século XIX, os sírios e libaneses não estavam muito defasados em relação ao tempo de chegada de outras etnias, ao passo que nos Estados Unidos, por exemplo, outro cenário se delineou.

A imigração síria e libanesa que para lá se direcionou – apesar de coincidir cronologicamente com a época em que estes grupos chegaram ao Brasil, foi também acompanhada de outros grupos étnicos originários do Sul e Leste da Europa. No entanto, essa segunda leva migratória estava em defasagem quando comparada aos grupos pioneiros, sobretudo aqueles provenientes do Norte e Oeste europeus. Essa diferença no timing de entrada dos fluxos, inevitavelmente afetou as possibilidades de inserção social dos grupos recém-chegados.

Cabe, contudo, ressaltar a escassez do material sobre o assunto e salientar que, apesar da grande quantidade de livros sobre o imigrante árabe no Brasil, o tratamento dado às investigações sobre este tema é, em boa parte, de cunho histórico e pouco elucidativo em relação ao processo de adaptação e integração ao novo local de residência. Dentre escritores de origem sírio-libanesa, muitos deles publicaram livros, em árabe ou em português, ou mesmo divulgaram artigos dispersos, em que trataram da vinda dos seus conterrâneos ao Brasil, sob vários aspectos. Porém, em geral, são trabalhos que visam elogio a certas famílias ou que se destinam para fins puramente pessoais.

Neste sentido, este artigo sugere que as contribuições de autores pouco utilizados nos estudos sobre migração no Brasil, entre eles, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, se, consideradas, poderão apontar para novas compreensões acerca do bem sucedido processo de instalação no Brasil por parte dos árabes. Ao se fixarem em um país fortemente influenciado pela cultura ibérica - e, conseqüentemente, moura, haja vista que muçulmanos da Península Arábica e do Norte da África estiveram na região hoje conhecida como Portugal e Espanha por aproximadamente 8 séculos, tais imigrantes não somente reconheceram traços de sua própria cultura em nossa sociedade, como também não foram tratados como completos estranhos. Em outras palavras, a presença árabe no Brasil antecedeu a chegada dos próprios imigrantes e, possivelmente contribuiu para evitar um choque cultural quando da sua chegada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

2. Imigração árabe no Brasil

Dados estatísticos confirmam que o Brasil, assim como outros países da América do Sul, foi fortemente marcado com a chegada de um grande fluxo migratório de sírios e libaneses cristãos¹ que preferiram deixar suas terras a sucumbir-se ao domínio do Império Otomano no final do século XIX.

Estudos realizados por Truzzi, (1997) e Safady (1994), entre outros, apontam que os sírios e libaneses vieram com a intenção de se dedicar a atividades propícias à obtenção de lucros rápidos, com os quais eles pretendiam retornar às suas terras de origem. Em outras palavras, os árabes que vieram ao Brasil não buscavam as fábricas ou as propriedades agrícolas, tendo se dedicado, em grande parte, ao comércio e às pequenas indústrias (HAJJAR, 1985, p.110). Esse desejo esteve presente durante todos os movimentos de adaptação e todos os passos de construção da sua vida neste país.

A vinda dos árabes fez-se tradicionalmente com moradores do campo, lavradores ou proprietários de terras. Diferentemente das levadas migratórias italianas, espanholas e portuguesas, cuja chegada era acompanhada por uma expectativa de se “mudar a composição social do Brasil, os sírios e libaneses vieram por conta própria e sem alarde” (LESSER, 2000, p.92).

O deslocamento dos árabes para Brasil tem sido frequentemente registrado em duas grandes etapas, sendo que cada uma delas foi formada por diferentes levadas migratórias (HAJJAR, 1985, p. 85-126; ZAIDAN, 2001, p. 36-62). A primeira teria iniciado por volta de 1860/1870 e terminado com o início da Segunda Guerra Mundial. Dentro desse período, são percebidos três fluxos: de 1860 a 1900; de 1900 a 1914, e de 1918 a 1938. Já a segunda etapa, cujo início se deu em 1945, continua até nossos dias atuais. Nesse segundo momento, são identificadas outras três levadas imigratórias, que dão seqüência aos fluxos

¹ Costuma-se falar dos sírios e libaneses devido ao grande número de imigrantes oriundos destes países. No entanto, cabe lembrar que o fluxo migratório registrou e registra, ainda hoje, pessoas vindas de muitos outros países árabes, tais como Iraque, Palestina, Egito, entre outros.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

anteriores. São elas: de 1945 a 1955; de 1956 a 1970, e, por fim, a última leva – a menos estudada até o momento, que teve início por volta de 1971 e prossegue ainda hoje.

De modo geral, a principal diferença entre as duas grandes etapas do processo migratório árabe para o Brasil é que a primeira foi marcada por imigrantes cristãos majoritariamente sírio-libaneses que teriam deixado suas terras por causa do domínio otomano, enquanto que a segunda teve início após a segunda guerra mundial e é composta por grupos mais heterogêneos – cristãos e muçulmanos oriundos de vários países árabes. Convém lembrar que em comum entre as diferentes levadas migratórias, pode-se citar o fato de que essa imigração está pautada pela espontaneidade, ou seja, não houve nenhuma participação direta do governo ou de outras forças que promoveram esse fluxo.

Importante acrescentar, ainda, que a partir da quinta leva migratória, que teve início poucos anos antes da década de 1960, muitos palestinos se instalaram no Brasil, optando, entretanto, por cidades distintas daquelas escolhidas pelos antigos imigrantes para fixação. O Sul do país destacou-se como uma nova rota, sendo Foz do Iguaçu o mais recente e principal ponto de atração, especialmente de muçulmanos. Esse movimento foi reforçado na década seguinte, quando teve início a sexta e última leva migratória, que se assemelha à anterior - exceto pelo fato de que, a partir dos anos 1970, muitos atos revolucionários de guerrilheiros palestinos eclodiram em várias partes do mundo – alterando sobremaneira a inserção do árabe nos países para os quais migravam.

Atualmente, os deslocamentos para o Brasil continuam, e imigrantes árabes estão presentes tanto em grandes centros urbanos quanto em cidades longínquas. No entanto, os números são insuficientes para mostrar essa presença no país. Falar sobre sua influência é ir muito além de censos e registros de fluxo migratório, pois sua cultura, de alguma forma, já estava entre nós desde muitos séculos antes da chegada dos imigrantes no final dos anos 1900.

3. Presença árabe no Brasil

Seja por sua profunda influência em Portugal, seja pela forte imigração no último século, a cultura árabe tem presença garantida na história e na sociedade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

brasileiras. Junto com os colonizadores, no século XVI, desembarcaram heranças de sua língua, música, culinária, arquitetura e decoração, técnicas agrícolas e de irrigação, farmacologia e medicina. É que os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica. Significativamente, Granada, seu último reduto em solo europeu, foi conquistada pelos cristãos em 1492, mesmo ano em que Colombo chegava à América (TRUZZI, 2009).

No período das grandes navegações, o *Novo Mundo* assimilou boa parte da cultura árabe que fora trazida pelos espanhóis e portugueses e hoje a sua influência é visível em traços do cotidiano. O café, por exemplo, foi introduzido pelos árabes na Europa, assim como o cultivo do arroz, alimento tipicamente chinês, mas que conquistou o resto do mundo através dos árabes.

A influência nos idiomas português e espanhol pode ser notada em uma infinidade de palavras, tais como açougue, tambor, arroba, cenoura etc. Cabe destacar que a grande maioria das palavras iniciadas por “al”, artigo definido na gramática do idioma árabe foi sendo incorporado por nossos antepassados. Como bem apontou Antônio Houaiss:

Na verdade, é Idade Média para o ocidental, mas, para o árabe, é o período de esplendor. Essa diferença explica, então, este fenômeno muito singular: num total de três mil a três mil e duzentas palavras do português primitivo, há, no mínimo, oitocentas palavras de origem árabe. Numa estatística verbal, contemporânea de então, é impressionante o acervo de palavras árabes que existiam vivas no português. Representam algo em torno de 25% do vocabulário da língua portuguesa primitiva. E essa estatística toma em conta, também, os vocábulos então recém-derivados. (HOUAISS, 1986)².

Igualmente na arquitetura, é possível encontrar traços da cultura árabe trazida pelos ibéricos no uso dos azulejos decorativos, no chafariz, nos pátios floridos e nos detalhes em arabescos.

² As Projeções da Língua Árabe na Língua Portuguesa. Conferência feita para o Centro de Estudos Árabes da USP em 1986. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No entanto, muito embora esta presença seja perceptível em muitos dos costumes e tradições brasileiras, ela despertou apenas uma discreta atenção por parte de alguns pensadores brasileiros, ao contrário do que ocorreu com outras contribuições culturais. A partir da segunda metade do século XIX, o debate sobre uma identidade nacional brasileira envolveu um conjunto de intelectuais, preocupados com o que caracterizaria, de fato, “ser brasileiro”. Esta preocupação se estendeu até meados do século XX e marcou um avanço considerável das ciências sociais no Brasil.

Em estudo acerca da luta pela etnicidade no Brasil, o historiador americano Jeffrey Lesser (2000) aponta Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo como pensadores que estiveram entre o grupo de intelectuais os quais, no século XX, voltaram seus olhos para Portugal em busca de autocompreensão. No entanto, em que pese esta busca acerca de uma identidade nacional não ter sido tarefa exclusiva de ambos os pensadores, Freyre e Cascudo estão entre os que mais contribuíram para a questão da presença árabe no Brasil ao procurarem traços da “presença moura em suas próprias identidades lusificadas” (LESSER, 2000, p.90).

Ao voltar-se para Portugal com o intuito de compreender o Brasil do século XX, autores como Gilberto Freyre e Câmara Cascudo acabaram por reconhecer e apontar influências mais distantes, quais sejam, aquelas impregnadas na Península Ibérica ao longo de quase 8 séculos de presença muçulmana na região. Tais autores identificaram o alcance dos chamados *mouros* também na cultura brasileira, influência esta pouco explorada até os dias atuais.

Truzzi, em artigo sobre a presença árabe na América do Sul publicado em 2007, lembra que ela já era realidade neste continente muito antes da imigração inaugurada ao final do século XIX. Segundo ele, no Brasil, ela já se insinuava por meio de vínculos religiosos ocasionada pelos africanos muçulmanos malês na Bahia escrava desde o século XVIII. E ainda, antes disso, também pode ser identificada tal influência à época do início da colonização portuguesa tanto na língua, quanto na música, na culinária, decoração etc.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em seus argumentos, Truzzi inevitavelmente remete o leitor a Gilberto Freyre, que, em 1933, ao publicar *Casa Grande & Senzala*³ (1992) sinalizou para a importância do contato entre os portugueses e mouros durante a Idade Média, o que teria sido fundamental para que os lusitanos realizassem com sucesso a empreitada das grandes navegações.

Nascido em Recife no ano de 1900, Freyre tem sido um dos autores mais comentados na história do pensamento social brasileiro. Muito embora seja um autor polêmico, é inegável sua contribuição para a história social do Brasil. Segundo ele próprio, *Casa Grande & Senzala* foi a resposta encontrada para uma indagação pessoal: O que é ser brasileiro?⁴ Cabe acrescentar que o autor reconheceu a importância que teve o antropólogo alemão Franz Boas – seu orientador, em ajudá-lo a se libertar da visão negativa sobre a mestiçagem, a qual era, naquele momento, considerada um problema da formação social brasileira⁵.

No tocante ao tema tratado neste artigo, a obra permite reunir um conjunto de informações sobre como, de acordo com Freyre, a presença moura persistiu na vida íntima do brasileiro desde os tempos coloniais até o presente a partir de sua permanência na Península Ibérica. Entre as contribuições transferidas para o “Novo Mundo”, é possível destacar o gosto pelas jóias, o azulejo nos chafarizes e igrejas, a atração pelo asseio, pela claridade, pela água, e também aspectos gastronômicos, como o gosto pelos quitutes, pelas comidas oleosas, gordurosas e açucaradas.

De forma semelhante, Câmara Cascudo (2001, p.15), também identificou traços da presença árabe na cultura brasileira. E, assim como Gilberto Freyre, optou pelo termo mouro ao invés de árabe, pois, segundo ele, sua intenção era falar sobre aquele que viajou para o Brasil na memória do colonizador e ficou. Segundo ele, a opção pelo uso da palavra mouro, ao invés de árabe ou sarraceno, se deve ao fato de que este era mais constante na Península Ibérica, “lembrando os berberes, mouros históricos, reinando na Espanha, vivos na recordação lusitana, Ifriqiya e Maghreb”. No Brasil, árabe tomou-se genérico nas

³ Após *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre, publicou *Sobrados e Mucambos* (1936), *Nordeste* (1937), *Açúcar* (1939), *Aventura e Rotina* (1953), *Assombrações do Recife Velho* (1955), *Sociologia da Medicina* (1967) e dezenas de outros trabalhos que honram a cultura brasileira.

⁴ Ver: <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/casagrande/>

⁵ Ver: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300027



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

últimas décadas do século XIX com a emigração da Síria e do Líbano, nominal popularíssimo, inclusive com o falso sinônimo de turco, vendedor ambulante que seria também o regatão, familiar nos rios amazônicos. O sarraceno não se aclimataria no linguajar nacional (CASCUDO, 2001, p. 12).

Nesta direção, o folclorista recorreu aos costumes populares e à literatura para localizar traços da presença árabe na cultura brasileira. Segundo o próprio autor, “mais uma vez os meus Mouros e Judeus procuram olhos contemporâneos para avivar-lhes as distantes reminiscências imemoriais, inconscientes, vivas, atrás da cortina do Passado”. (CASCUDO, 2001, p. 9).

Argumentava que o mouro fora expulso do Algarve duzentos e cinquenta anos antes da vinda portuguesa para o Brasil. E, na Espanha, a saída dos muçulmanos levou ainda mais tempo, tendo sido necessário aguardar até 1492 para que o reino de Granada se tornasse castelhano, mesmo ano em que Cristóvão Colombo daria início a sua jornada em direção ao Novo Mundo.

Dentre os aspectos culturais que podem ser atribuídos aos mouros, está, entre outros, o de beber depois de comer (e não durante a refeição), sentar-se sobre as pernas dobradas (segundo ele, de cócoras era influência indígena) etc. Para Cascudo, graças à “longa convivência forjada por moçárabes, mudéjares e mestiços”, tanto a língua espanhola quanto a portuguesa são fortemente tributárias do árabe.

Quiçá estas duas grandes referências do pensamento social brasileiro – Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, tenham, como sugere Lesser (2000), inaugurado o reconhecimento da presença árabe no Brasil na busca de uma identidade nacional. De fato, a partir deles, é possível destacar outras novas incursões neste sentido - ainda que escassas, na tentativa de apontar as contribuições da presença moura/árabe em nossa cultura.

De acordo com o músico catalão Luis Soler, que conviveu com Ariano Suassuna - além de ter sido professor do músico Antônio Carlos Nóbrega (Quinteto Armorial), os árabes introduziram a rima no mundo ocidental, pois a poesia latina contava apenas com a métrica. Em seu livro “Origens árabes no folclore do sertão brasileiro”, Soler (1995) afirma que as “modalidades do Repente nordestino são modalidades de desafio árabes, quais sejam,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

martelo agalopado, galope à beira-mar, sextilha, quadrão, martelo alagoano. Assimiladas em Portugal através do estreito convívio que cristãos e mouros mantiveram por séculos, chegaram até nós através dos que nos colonizaram” (VILELA, 2010).

Seu argumento mais forte está pautado na tese de que comumente o dominador tende a assimilar mais a cultura do dominado que o contrário, pois os dominados costumam resistir em todas as instâncias à invasão – a qual, além de militar é também cultural. Neste sentido, os portugueses, que, na Europa, estão entre os primeiros povos a terem configurado um reino próprio por meio da reconquista de territórios invadidos pelos muçulmanos, passaram a se estabelecer como dominadores, enquanto que os árabes que naquela região permaneceram, passaram a ser os dominados (VILELA, 2010).

Importante ressaltar que em seu livro, Soler recorre muito mais a referências bibliográficas espanholas do que brasileiras para tratar deste assunto. Talvez porque, de fato, o tema da presença árabe tenha sido bem menos debatido no Brasil do que na Espanha. Em seu epílogo, Soler justifica a carência de material sobre a presença árabe no Brasil:

(...) Não é de estranhar-se que o peso desta influência tenha deixado de ser avaliado com justiça, habitualmente: os árabes, como indivíduos, representam um elemento irrelevante na colonização do sertão. A história brasileira não os registra aqui. E na hora em que a colonização do Brasil foi iniciada, a história da Península Ibérica era escrita pelo povo que acabava de desterrá-los, ou dizimava ou, no melhor dos casos procurava ignorá-los. Mas 800 anos de domínio político, de caldeamento racial e, sobretudo, de liderança cultural não se apagam de uma hora para outra. (SOLER, 1995, p. 113).

No entanto, dentre os pouquíssimos brasileiros que constam em sua bibliografia, estão, inevitavelmente, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, mas também se encontram Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, o primeiro com contribuições pontuais sobre a música do Brasil e o segundo com aportes na história da civilização brasileira.

Por fim, para completar as alusões às contribuições de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo nos estudos sobre a presença árabe no Brasil, importante mencionar, ainda, duas últimas referências. Uma delas é a do poeta e crítico literário Manoelito Ornellas, o qual



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

publicou, em 1948, o livro *Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. De forma semelhante ao que escreveu Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, o argumento do autor está no fato de que, tanto portugueses quanto espanhóis, antes de povoarem a América, haviam sido fortemente influenciados pelos árabes, berberes e beduínos. E, finalmente, propõe que as raízes dos atuais habitantes da Região Sul encontram-se na África do Norte.

O outro, por fim, é Roger Bastide, o qual ajudou a criar o Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Também o brasilianista francês afirmava reconhecer a profunda ligação entre árabes e brasileiros. Como aponta Lesser (2000, p. 134), “em seu revolucionário *Brasil: terra de contrastes* (1957), Bastide reuniu os árabes e os japoneses (e também os alemães) na ‘categoria marginal’, mas mesmo assim afirmava que as ‘civilizações’ brasileira e árabe haviam convergido”, identificando semelhanças entre as famílias sírio-libanesas e brasileiras – ambas patriarcais, a submissão das mulheres, a mesma obediência respeitosa por parte das crianças, além do mesmo sentimento de solidariedade entre os membros componentes de uma parentela (BASTIDE apud LESSER, 2000, p. 134).

3. Considerações Finais

Em que pese a relevância dos aportes de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, entre outros, nas discussões sobre identidade nacional e suas contribuições sobre a questão da presença árabe na cultura brasileira, percebe-se que tais autores ainda são pouco explorados nos estudos sobre imigração árabe no Brasil.

A razão para isso pode estar no fato de que, embora estes intelectuais sejam considerados referências nos estudos folcloristas brasileiros, esta é uma vertente do pensamento social que sofreu duras críticas nas ciências sociais por apresentar uma certa “debilidade teórico-metodológica da pesquisa de folclore, produtora de ideologia, não de conhecimento” (VILHENA, 1996).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Quiçá isso explique porque as reflexões acerca da presença árabe no Brasil, anterior à etapa dos fluxos migratórios que tiveram início do final do século XIX, tenham repercutido muito pouco em estudos sobre este tema.

Porém, ainda que de forma modesta, este artigo procurou mostrar como essas contribuições podem ser de grande valor para se analisar o bem sucedido processo de fixação dos árabes no Brasil (TRUZZI, 2009). Neste sentido, propõe-se que autores como aqueles mencionados ao longo do presente texto possam vir a se tornar, não somente pontos de partida para futuras investigações relacionadas ao assunto, mas sim referências teóricas a serem melhor aprofundadas pelos estudiosos do tema.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

4. Referências Bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, Franceses e Judeus – Três presenças no Brasil**. Global Editora. São Paulo, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Editora Record, 28ª ed. Rio de Janeiro, 1992.

GICO, Vânia. **Câmara Cascudo: um Hermes Universal no Nordeste do Brasil**. In: Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita, Vol. 1, 2002 (La correspondencia en la historia: modelos y prácticas de escritura epistolar / coord. por Carlos Sáez Sánchez, Antonio Castillo Gómez), ISBN 84-96049-02-7 , págs. 419-436 Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=390&textCode=1413&date=currentDate>

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe - 100 anos de reflexão**. Ícone Editora. São Paulo, 1985.

HOUAISS, Antonio. **As Projeções da Língua Árabe na Língua Portuguesa**. Conferência feita para o Centro de Estudos Árabes da USP em 1986. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional**. Editora Unesp. São Paulo, 2000.

SAFADY, Jorge. **A Imigração Árabe no Brasil - II volume da Tese**. Edições Garatuja. São Paulo, 1994.

SOLER, Luis. **Origens árabes no folclore do sertão brasileiro**. UFSC. Florianópolis, 1995.

TRUZZI, Oswaldo. **Presença Árabe na América do Sul**. História Unisinos - 11(3):359-366, Setembro/Dezembro 2007.

_____. **Verde, amarelo, azul e mouro**. Artigo publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional em 01 de julho de 2009. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2496>

VILELA, Ivan. **Vem viola, vem cantando**. Estud. av., São Paulo, v. 24, n. 69, 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

40142010000200021&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Mar. 2011. doi: 10.1590/S0103-40142010000200021.

VILHENA, Luís Rodolfo. 1996. **Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais no anos 50**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 11, n. 32, p. 125-150.